

**COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER,  
Silvana Vilodre (Org.).**  
*Corpos mutantes: ensaios sobre novas  
(d)eficiências corporais.* Porto Alegre, Ed. da  
UFRGS, 2007. 183 p.

No limite – ou em busca de um corpo

A mídia vende a imagem da virilidade, da saúde duradoura – quando não da vida eterna –, da terceira idade camuflada em maior (e melhor!) idade, da plena satisfação e felicidade com os próprios cabelos, pele, físico... Na vida, para além dos anúncios de sabão em pó ou venda de caminhão, o que se percebe são indivíduos tentando suplantar os limites suportáveis ou insuportáveis do próprio corpo, como se isso pudesse trazer para perto de si a certeza da infalibilidade, da durabilidade, da eternidade. A reflexão sobre o transformar ou até deformar corpos à procura da beleza passa por sujeitos como Jocelyn Wildenstein, de 62 anos - a milionária suíça das plásticas em série e sua completa desfiguração da face na tentativa de um ideal de beleza inimaginável. Em sentido também grotesco, mas talvez com outro fim, vimos nas páginas de revistas e jornais ou na tela da TV a criação de uma identidade com o novo rosto do colombiano Juan Carlos Ramirez Abadía, um dos maiores traficantes de cocaína do mundo.

Com outros enfoques e muita propriedade para tratar deles é que chega às livrarias *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*, organizado pelos professores Edvaldo Souza Couto e Silvana Vilodre Goellner. Um livro que reúne dez artigos de pesquisadores brasileiros, todos versando sobre temas que giram em torno de uma espécie de transmutação corporal. Para compreendermos como hoje temos o movimento como necessidade, Couto salienta que se no passado isto era privilégio, hoje é uma exigência, um novo modo de vida. Uma movimentação que não se limita ao deslocamento material de um espaço a outro, mas que cria novos costumes, novas formas de ver e de se ver. Com isso, surge então um corpo descartável, moldado e modela-

**Rita Virginia Argollo**

Doutoranda em Educação da  
Faculdade de Educação da UFBA  
Universidade Estadual de Santa  
Cruz (UESC)  
rvargollo@yahoo.com.br

do à guisa da moda. Uma ode ao efêmero como gerador de um impulso a uma felicidade instantânea. E etérea. Em outro capítulo, também bastante intrigante, que perpassa a imagem-mídia iconizada do corpo, Danilo Barata – tratando da expressão videográfica inerente ao processo – lembra que vivemos num tempo de extremo inconformismo, em que intervenções cirúrgicas se tornaram ações banais. A situação seria de tal maneira invasiva que teríamos chegado à customização dentro do organismo.

O que talvez Malu Fontes acredita ser mais grave ainda no que se refere ao universo feminino. Fontes parte do princípio que as mulheres, sobretudo as jovens e urbanas, situam-se em um *locus* potencializado de vulnerabilidade diante das mensagens publicitárias e trata este corpo idealizado como referência para o corpo canônico presente na cultura de massa. Neste sentido, a autora analisa o que está por trás da construção de um estatuto do corpo no Ocidente. Annamaria da Rocha Jatobá Palácios complementa e amplia a problemática a uma faixa etária bem superior, mas com dilemas semelhantes. Ela lembra que apesar de o indivíduo ao chegar à terceira idade ser cronologicamente velho, ele é impelido socialmente a não se sentir como tal – este enfoque é tema do estudo feito com anúncios de cosméticos. Se só é velho e feio quem quer, então o corpo surge como objeto de consumo. O dinheiro poderia assim comprar a beleza e a juventude. A carne se torna matéria-prima na mão de cirurgiões, que vendem estereótipos de uma silhueta e de uma *cútis* também globalizadas e globalizantes.

Num sentido além do estético, Vargas e Meyer levantam a discussão bastante interessante quando destacam a possibilidade de *ciborguização* da enfermeira que atua em Unidades de Terapia Intensiva. Esta profissional ao ter que cumprir protocolos que uniformizam e orientam o atendimento ao paciente terminam, maquinizando e padronizando os corpos doentes. Desta forma, entra em ação, de acordo com as autoras, um profissional com uma visão *high tech* do corpo, entendendo-o como um condutor ampliado de informações.

Pesquisas de cientistas do mundo inteiro são conduzidas para que se consiga que o corpo da máquina e o corpo do homem se integrem numa nova realidade. É o corpo como lugar por excelência das tecnologias de ponta, criando e recriando novos “Ho-

mens de Seis Milhões de Dólares”. Na tentativa de apontar-nos nuances acerca da construção teórica do termo, Leda Tucherman traz um conceito de ciborgue passando por uma espécie de “humano-tecnológico” que agora sucumbe à onipresença da informação, sendo considerado “máquina da informação”. É quando Homero Luís Alves de Lima chama a atenção do leitor para o dispositivo das novas tecnologias no corpo ciborgue. Lima destaca que com a tecnologia investindo no biológico e a biologia invadindo o mundo das máquinas, torna-se cada vez mais frágil a área limítrofe entre o vivo e o não-vivo. Entra em crise, então, a definição de vida. Órgãos podem ser fabricados como peça de reposição e postos a comercialização. Mas, a produção de vida em laboratório, neste sentido, não assusta. Quando se trata de saúde, as micromáquinas inteligentes da nanotecnologia percorrendo os nossos corpos passam a soar tão corriqueiro como os já tradicionais marca-passos... O novo e assustador seria suplantado pelo impulso à sobrevivência?

Luciana Laureano Paiva entra na contramão de uma suposta normalidade e se debruça sobre o entendimento de como ficam os outros corpos – os enquadrados em termos como deficientes, diferentes, imperfeitos ou anormais diante de tanta pressão em nome da perfeição. Corpos também *ciborgues*. Como destaca a própria autora, um campo difícil de ser trabalhado, uma vez que falar deste corpo é torná-lo mais ainda visível, diferente, imperfeito. Distante da “normalidade” de antes da amputação ou do modelo ideal oferecido nas vitrines apontadas por Barata. No entanto, este corpo que produz uma nova forma de ser, uma vez que pode ser potencializado por uma prótese – tornando-se mais “eficiente” que o “normal” –, ou que gera um novo hábito, uma nova descoberta, oferece um novo potencial ao indivíduo. Isto corrobora sobre o que trata Valei de Souza Novaes, ao propor a reflexão sobre os corpos dos atletas portadores de deficiências físicas e utilizam como prótese a cadeira de rodas, potencializando o uso desta. Novaes apresenta a prótese como elemento assegurador do discurso social da reconquista de uma identidade concebida como ameaçada e ameaçadora, que reage com o enfrentamento entre “potencializados” e “despotencializados” que antes aparentemente invisíveis. O artefato que permite ao cadeirante muito mais que uma partida de basquete. Já Cláudio Ricardo Freitas Nunes e Silvana Vilodre Goellner optam por tra-

tar do esporte como fomento a um espetáculo corporal e o consequente descarte daqueles que não se enquadram nesta expressão de perfectibilidade, sendo (d)eficientes por não aderirem aos recursos de modelagem física – seja sob parâmetros olímpicos ou de um sujeito comum que visa “melhorar” a aparência.

Ao ler *Corpos mutantes*, entendemos que estamos, neste momento, onde se romperam as barreiras tênues do que chamávamos de limite, em nome da ciência médica, das novas e inconstantes formas de relacionamentos, da pulsão inata por conquistas, da insatisfação/neuroses/psicoses pessoais, em busca de um corpo tecnicamente equipado e tornado mais eficiente e supostamente belo, embora tenhamos esfacelado tudo aquilo que imaginávamos ser um corpo. Compreendemos que se até pouco tempo as nossas grandes questões existenciais giravam em torno de “quem somos”, “de onde viemos”, “para onde vamos”, na cibercultura nos perguntamos sobre a nossa ontologia no sentido de desvendar “onde termina a máquina e onde começa o humano”.